

# A imagem do corpo: as energias construtivas da psique\*

*Henrique Guilherme Scatolin\*\**

## I. Introdução

Este resenha procura enfocar a visão do neurologista Paul Schilder sobre a formação da imagem corporal, partindo de uma revisão bibliográfica da sua obra intitulada *A Imagem do Corpo: as energias construtivas da psique*.

Para começar esta discussão, como Schilder compreende imagem corporal? Segundo Schilder (1935, p. 11) “entende-se por imagem corporal a figuração de nosso corpo formada em nossa mente; ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós”.

O esquema corporal (também compreendido como imagem corporal) é a imagem tridimensional que todos têm de si mesmo. Neste aspecto tridimensional temos os aspectos psicológicos, sociológicos e fisiológicos.

Para Schilder (1935, p.15), “ao estudarmos a imagem corporal, devemos abordar o problema psicológico central da relação entre as impressões de nossos sentidos, nossos movimentos e a motilidade em geral”. Isto significa que o esquema corporal está em perpétua autoconstrução, vive em contínua diferenciação e integração. De outro lado, o modelo postural do nosso corpo se relaciona com o modelo postural dos corpos dos outros. A experiência da nossa imagem corporal e a experiência dos corpos dos outros estão intimamente interligadas. Assim, as emoções, as ações e percepções são inseparáveis da nossa imagem corporal. Contribuem para a construção da nossa imagem corporal.

Primeiramente, é necessário ressaltar que a imagem corporal começa a se formar desde o nascimento e, desde este momento, dois fatores têm participação especial em sua formação: um é a dor e o outro é o controle motor dos membros.

A dor ajuda-nos a decidir o que desejamos ter mais perto do ego e o que desejamos manter o mais afastado possível dele. De outro lado, a experiência visual

---

\* Resenha do livro *A Imagem do Corpo: as energias construtivas da psique*. Paul Schilder (1950). Tradução de Rosanne Wertman. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\*\* Doutorando e mestre em Psicologia Clínica (núcleo de Psicanálise) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, graduado em Psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Esta resenha serviu de base para os trabalhos desenvolvidos junto ao grupo de pesquisa intitulado Estudos sobre a Imagem Corporal: sua constituição e distorções ao longo da vida, grupo este credenciado junto a Plataforma Lattes e que ocorreu no ano de 2011 no Centro Universitário Hermínio Ometto de Araras (SP).

possui papel preponderante na formação da imagem corporal. Esta experiência também é vivenciada através da ação. Ou seja, através de ações e determinações que damos a forma final ao nosso ego corporal. Assim, as impressões visuais influenciam o esquema corporal, já que a imagem corporal pode ser perturbada por mudanças experimentais na visão, mas que se reestrutura, formando uma nova unidade.

Para Schilder (1935, p. 36) “o desenvolvimento do esquema corporal também ocorre paralelamente ao desenvolvimento sensorio motor”. Ao longo do desenvolvimento psíquico, o movimento leva a uma melhor orientação em relação a nosso corpo. Não sabemos muito a respeito do corpo, a não ser que o movamos. O movimento é um importante fator de unificação das diferentes partes do nosso corpo e através dele chegamos a uma relação definitiva com o mundo externo e com os objetos, sendo que só através do contato com o exterior que nos tornamos capazes de correlacionar as diversas impressões relativas ao nosso corpo. O conhecimento do nosso corpo depende, em grande parte, de nossa própria ação. Assim, desde o nascimento, o modelo postural do corpo precisa ser construído. É uma criação e uma construção, a produção de uma forma. Este processo de estruturação só é possível quando se relaciona intimamente com as experiências do mundo.

Para Schilder (1935, p.102) “a imagem corporal, em seu resultado final, é uma unidade. Mas esta unidade não é rígida, e sim passível de transformação. E todos os sentidos estão sempre colaborando para a criação do esquema corporal”. Ou seja, as percepções visuais influenciam fortemente a imagem corporal. As imagens mudam sob a influência de impulsos e imaginações motoras.

## II. A Estrutura Libidinal da Imagem Corporal

Schilder recorre à teoria psicanalítica para explicar a estrutura libidinal da imagem corporal.

Em sua compreensão da obra psicanalítica, Schilder (1935, p.107) ressalta que “nos interessamos pela integridade do nosso corpo”. Afirma que a libido pertence ao nosso próprio corpo. Ele declara que, a princípio, a libido é dada ao corpo como um todo. Nesta etapa, a criança se interessa apenas por si própria. A este estágio segue-se uma fase auto-erótica, na qual a libido se concentra em partes do corpo que têm significação erótica especial.

Por outro lado, concomitantemente ao auto-erotismo, Schilder descreve as fases pré-genitais e genital infantil. A primeira fase ou estágio seria oral. Neste ocorre a ingestão de leite e a zona erógena é a boca.

Para o recém-nascido, corpo e mundo são experiências interconectadas. Uma não é possível sem a outra. Em nível tão primitivo, a fronteira entre o corpo e

mundo não está claramente definido. Será mais fácil perceber uma parte do corpo no mundo do que uma parte do mundo no corpo. Assim, o corpo será projetado no mundo, e este será introjetado no corpo. E na fase adulta, corpo e mundo estão em constante intercâmbio.

Deste modo, no nascimento há uma zona de indiferenciação entre corpo e mundo. Mas a imagem do corpo tem de ser desenvolvida e construída. A libido será ligada às diferentes partes da imagem do corpo e, nos vários estágios de desenvolvimento da libido, o modelo corporal mudará continuamente.

Schilder, em sua leitura da obra freudiana, aponta que desde o início da vida há um núcleo da imagem corporal na zona oral. Recorrendo a Berfeld, Schilder admite que existe um desenvolvimento primário que começa na zona oral e um refinamento secundário que diferencia o ego corporal do mundo externo. Assim, a evolução da imagem corporal se dá, de certa forma, paralelamente ao desenvolvimento das percepções, do pensamento e das relações objetais desde os primórdios da infância.

A segunda fase é a fase anal-sádica. Nesta há o prazer na defecação e a zona erógena é o ânus. Já a terceira fase seria a fálica que coincide com o complexo de Édipo (ou o complexo nuclear da constituição do sujeito psíquico). Nesta fase, os genitais adquirem nova significação e se tornam a principal zona libidinal do corpo. Nesta fase surge uma compreensão total do próprio corpo da criança como sendo algo oposto ao mundo externo.

Na estrutura global do esquema corporal, as zonas erógenas terão um papel principal. Ou seja, podemos supor que a imagem corporal, durante a fase oral do desenvolvimento, estará centrada na boca e, na fase anal, no ânus. Na fase adulta, o fluxo libidinal da energia influenciará grandemente a imagem corporal.

Assim, as fixações libidinais (oral, anal ou fálica) se refletem na estrutura do modelo postural do corpo. Os indivíduos nos quais um desejo parcial se encontra aumentado sentirão determinado ponto do corpo, a zona erógena particular pertencente ao desejo, no centro de suas imagens corporais, como se a energia fosse acumulada em determinados pontos. Há linhas de energia conectando os diferentes pontos erógenos e teremos variações na estrutura da imagem corporal, segundo as tendências psicosssexuais do indivíduo.

Para Schilder (1935, p. 159), “toda zona erógena possui linhas de extensão típicas”. Na fase adulta ocorre o prolongamento destas zonas erógenas para certas partes do corpo. A zona anal se estende para as costas. A boca, geralmente, se estende para o plano interior. Ou seja, para a parte interna das mãos, da boca e do nariz.

Assim, é impossível estudar a estrutura libidinal da imagem corporal isoladamente. Ela é parte integrante da história vital interna do indivíduo e, para compreendê-la, é preciso estudar o desenvolvimento libidinal desde a infância.

### III. Comentários adicionais sobre a expansão e a destruição da imagem corporal

Para Schilder (1935, p. 164) “o esquema corporal é uma unidade que não só incorpora partes do mundo externo, como também abre mão destas. Não só existe uma tendência para estruturar o modelo postural do corpo, como também para destruir esta imagem”. Como por exemplo, quando ingerimos alimento ou bebida, algo proveniente do mundo externo é acrescentado à imagem corporal. Após a digestão, o movimento intestinal separa só fisicamente as fezes do corpo, mas psicologicamente, estas continuam a ser parte de nós.

A configuração anatômica (dos órgãos genitais) tem um papel importante na estrutura corporal. Uma protuberância pertence menos ao corpo; pois sempre que uma parte do corpo se conecta menos estreitamente com o resto, surge um medo de perdê-la. É o temor pela integridade do corpo que se baseia nas qualidades internas do modelo postural.

Além disso, o modelo postural do corpo só permanece estável por pouco tempo, alterando-se imediatamente. Provavelmente, a instabilidade das figurações da vida psíquica só conota uma fase passageira com a qual a fase seguinte pode ser contrastada. Mas não há dúvida de que, em nossa vida psíquica, há sempre tendências a formar unidades. Mas sempre que uma unidade, uma Gestalt é criada, esta tende imediatamente a se modificar e destruir-se. A destruição é uma fase parcial da construção, que é um projeto e a característica geral da vida. Destruir-se para reconstruir uma nova imagem.

Todo desejo e toda tendência libidinal alteram imediatamente a estrutura da imagem corporal. Em qualquer atitude, desejamos modificar a relação espacial do modelo postural ou o esquema do corpo. No instante em que vemos algo, iniciam-se ações musculares com uma conseqüente alteração da percepção do mesmo. Toda pulsão ou desejo modifica a imagem do corpo, sua gravidade e sua massa. Assim, em toda ação e em todo desejo pretendemos obter uma mudança da imagem corporal.

Para Schilder (1935, p. 176) “a imagem corporal pode encolher ou se expandir, pode dar partes suas para o mundo externo ou se apoderar de partes dele”. Como por exemplo, a pintura dos lábios e do rosto, a descoloração dos cabelos e a tatuagem são tentativas de alterar a imagem corporal. O significado de todas

estas modificações da aparência nem sempre é consciente; pois há um significado simbólico por detrás de cada mudança, como por exemplo, a limpeza de pele pode ser considerado um exemplo de impulso para superar as tendências anais inconscientes.

Segundo Schilder (1935, p. 180) “a imagem corporal passa por um processo contínuo de expansão e diminuição”. Os povos primitivos e certos pacientes psicóticos conseguem modificar a imagem corporal através de um simples processo de imaginação libidinal; como por exemplo, transformam um sujeito em lobisomem com base em suas crenças. Já as pessoas consideradas ‘neuróticas’ só conseguem modificações “autoplásticas” menores através de máscaras e roupas.

Os seres humanos são cercados e cerceados por suas imagens corporais. Uma das razões da transformação e do uso de roupas é o desejo de superar a rigidez da imagem corporal, que pode ser transformada através de pinturas, jóias e etc.

O corpo também pode ser modificado como um todo. Podemos fazer orifícios no corpo ou inserir nele pedaços de metal ou madeira, como ocorria com os povos primitivos.

Segundo Schilder (1935, p. 179) “pode-se também tentar modificar a imagem corporal de modo menos violento, através de todo tipo de ginástica”. Assim, a dança e a ginástica são modos de diminuir a forma rígida do modelo postural do corpo. O dançar leva a uma desestruturação e uma alteração da imagem corporal, nos levando de uma mudança da imagem corporal a uma mudança de atitude psíquica.

Para Schilder (1935, p. 190) “expandimos e contraímos o modelo postural do corpo, retiramos e adicionamos partes, reconstruímo-lo; misturamos os detalhes; criamos novos detalhes; fazemos isto com nosso corpo e com sua própria expressão”. Há uma construção e uma destruição ligadas às necessidades, conflitos e energia da personalidade total. Durante as fases de construção e destruição aparecem duas tendências humanas básicas. Uma é a tendência a cristalizar unidades e a assegurar pontos de descanso, imutabilidade e ausência de mudança. A outra é a tendência a obter um fluxo contínuo, uma mudança permanente.

E como que a concepção de beleza está atrelada ao conceito de imagem corporal? Para Schilder (1935, p. 128) “a beleza deve ser relacionada com o modelo postural do corpo. Quando consideramos a beleza da figura humana, percebemos imediatamente que o interesse estético certamente se relaciona intimamente com o interesse pelo sexo”. A beleza do ser humano não provoca os desejos imediatamente, mas traz em si o germe do desenvolvimento dos desejos, já que a beleza da figura humana tem uma relação direta com a sexualidade.

A beleza é um fenômeno social. O corpo humano, seu modelo postural, é o primeiro objeto das artes plásticas e da pintura. O objeto belo provoca os impulsos sexuais sem satisfazê-los; mas, ao mesmo tempo, permite que todos desfrutem dele.

## IV. A tridimensionalidade da imagem corporal

Schilder considera o corpo como uma unidade, mas ressalta que para compreendermos a imagem corporal, temos que considerar o aspecto tridimensional: o mundo, o corpo e a mente. Schilder (1935, p. 246) destaca: “seria errado tentar dissolvê-las num agregado de partes isoladas. Temos as três categorias: mundo, corpo e personalidade”.

Na construção da imagem corporal é indispensável o contato com a realidade externa, pois toda experiência com a realidade externa já modifica a imagem corporal mais primitiva que se possa imaginar. Assim, a imagem corporal é construída continuamente através de níveis e camadas, levando-se em consideração as experiências passadas e presentes (como a memória e a aprendizagem).

## V. Conclusão

Elaboramos nossa imagem corporal de acordo com as experiências adquiridas através de ações e atitudes, como também por palavras ou atos dirigidos ao nosso corpo. Podemos tomar partes do corpo de outras pessoas e incorporá-las à nossa imagem corporal. Isto se chama personalização. Assim, a identificação ao grupo onde este sujeito está inserido, a projeção de fantasias individuais para o mundo externo e a personalização têm um papel de destaque na construção da imagem corporal de um indivíduo.

Assim, a partir da obra de Schilder, é necessário ressaltar que uma discussão da imagem corporal como entidade isolada é necessariamente incompleta. Um corpo é sempre a expressão de uma personalidade, e está inserido em um mundo. Mesmo uma resposta preliminar ao problema do corpo não pode ser dada, a menos que tentemos uma resposta preliminar sobre a personalidade e o mundo. Ou seja, para um estudo da imagem corporal, qualquer pesquisador deverá relevar os aspectos psicológicos, fisiológicos e sociológicos da imagem corporal; ou seja, a sua tridimensionalidade.